

OBRAS DO AUTOR:

A revolução de Deus (romance),
Rio de Janeiro, Nôrdica, 1977;

Morte na rodovia Galileo Galilei (romance),
Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978;

Sonâmbulos, Amotinados, Predadores (contos),
Rio de Janeiro, Nôrdica, 1980;

As aves de Cassandra (romance),
Rio de Janeiro, José Olympio, 1990,
Prêmio Jabuti, 1991;

Cemitérios marinhos às vezes são festivos (romance),
Rio de Janeiro, Topbooks, 1995;

Navegante de opereta (romance),
Rio de Janeiro, Record, 1998;

Dioniso crucificado (ensaios),
Rio de Janeiro, Topbooks, 2005,
Prêmio da Academia Brasileira de Letras, 2006.

Per Johns
Hotéis à beira da noite


Tessitura
Belo Horizonte
2010

Copyright © PER JOHNS, 2010

Fotografia da capa & projeto gráfico

IVAN IELIZÁROV

Revisão

TESSITURA EDITORA

Editora responsável

MARIA ADÉLIA VASCONCELOS BARROS

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Nina C. Mendonça - CRB 1228-6

Johns, Per, 1933 -

J65h Hotéis à beira da noite / Per Johns. — Belo Horizonte :

Tessitura, 2010.

328 p.

ISBN: 978-85-99745-29-8.

i. Ficção brasileira. I. Título.

CDD : B869.341

2010

Direitos desta edição reservados à

TESSITURA EDITORA

Av. do Contorno, 5351 - 1601

30110-923, Belo Horizonte, MG, Brasil

55 31 3262 0616

www.tessituraeditora.com.br

Ao anônimo Rio de Sangue, a quem devo quem sou

I Glória

The awful daring of a moment's surrender
Which an age of prudence can never retract
By this, and this only, we have existed
Which is not to be found in our obituaries
Or in memories draped by the beneficent spider
Or under seals broken by the lean solicitor
In our empty rooms

T. S. Eliot

From this red earth, O Father, purge away
All vicious tinctures, that new fashioned
I may rise up from death, before I'm dead

John Donne

É um dia de outono, outono mais de amendoeiras em fogo do que propriamente de um calendário que aqui pouco vale. Nos trópicos as estações se confundem como se fossem uma só, mas não são. Necesitam de um olhar atento para nuances quase imperceptíveis. Uma flor, uma folha que renasce ou cai, um passarinho. As amendoeiras-da-praia são inequívocas, não se confundem com nada.

Entro no Hotel Glória saudoso já das ilhas de folhas feneçentes de um amarelo vivo, tendendo ao rubro, uma rara beleza de decrepitude e fim. Acalma o que agora se reacende: a ânsia do que virá e o temor do que ficou.

O relógio da recepção marca três horas da tarde.

Muita gente se movimenta no amplo *hall*. Atento, espero o balcão se esvaziar, antes de perguntar ao recepcionista, quase em surdina:

- Tem quarto?
- Comum ou de luxo?
- De frente para o mar.
- Por quanto tempo?
- Indeterminado.

É tudo que há a dizer. O resto preencho na ficha de praxe com dados inventados ao sabor da hora. E nem sequer é mentira o que invento. Desfiz-me de nome, nacionalidade, propriedades, impostos e contratos; mantive no bolso e carrego comigo por onde ando dinheiro vivo, que não tem pátria, a não ser a abstracão que mostra na efígie e, eventualmente, a maior ou menor dificuldade de ser cambiado. Tem o dom da leveza, da viagem, do nada que compra tudo.

Escondo-me nele, um pouco por cansaço e muito por necessidade de não ter de estar a toda hora explicando sua origem, se é escuso, se foi mal amealhado, se nasceu de uma dúvida mas conveniente honestidade. Apátrida e maldito – em si, detesto-o – mas serviçal, funciona como um impermeável do anonimato, que me protege de chuvas e inquéritos, e vem a ser, com sua gola cobrindo o rosto, a porta de entrada para a única utopia que almejo: ser deixado em paz, livre dos fardos que me põem de rastros pelo chão da vida, apenas para concluir, ao fim e ao cabo, sempre e cansativamente: De que serviu tudo isso? Tantos anos e tantas explicações, sempre insatisfatórias. Em verdade, o dinheiro compra-me o que me é mais caro, não bens, que não os tenho nem me interessam, mas as asas que me levam para fora de mim e, sobretudo, para fora dele, para esquecê-lo. Sua nenhuma identidade passou a ser a minha: vivo por aí de hotel em hotel, sem fazer ou responder perguntas. Se alguém insiste em fazê-las, finjo que não ouvi.

Dos hotéis que frequento exijo pouco: um mínimo de conforto e um máximo de espaço impessoal ao longo de corredores desertos. Identifico-me muito particularmente com hotéis anacrônicos, razoavelmente decadentes, um tanto esquecidos do grande mundo dos negócios e ócios mundanos, mas aos quais se arraigou uma personalidade que ninguém lhes tira. Envelhecem com uma dignidade que se assemelha à das amendoeiras que amarelecem tendendo ao rubro, numa época que é outonal no aspecto, mas, a rigor, intemporal. Seus corredores de espessas passadeiras amortecem o eco de meus passos, que se tornaram leves, quase etéreos. O inevitável rangido do velho assoalho já não me soa como uma vaia da vida estabelecida. É música – com um ritmo de outra época – para meus ouvidos cansados de carregar comigo o peso de minhas máscaras, atitudes, lisonjas, fraudes e inverdades *atualizadas* que o tempo veio acumulando. Troquei-as

por fraudes e inverdades que me libertam em vez de aprisionar. Os hotéis, tornados permanentes, mas nunca os mesmos, substituíram com vantagem a casa de onde vinha e para onde voltava, e as pessoas dentro dela com seus afagos avarentos e rancores mal disfarçados, suas salas suntuosas, tapeçarias e quadros e móveis rococó, a escrivaninha que foi de meu bisavô, estantes decoradas de livros nunca lidos e gavetas atulhadas de números, senhas e lembretes de provisões inadiáveis. Hoje tudo se adia porque deixou de existir, e os únicos números de que preciso lembrar-me são os do quarto do hotel e os da taxa de câmbio que me remunera a liberdade, renascida ou reconquistada a cada novo quarto, nem espartano nem ascético, de conforto pragmático e vazio com sua cama e criado-mudo com abajur, uma mesa sem adereços, reminiscências, objetos úteis ou inúteis, à exceção do porta-papéis com instruções impessoais – informações que são como as leis: ninguém as lê, mas estão onde devem estar, dentro do porta-papéis de couro macio com a inscrição e o logotipo do hotel.

O número do quarto – 777 – é fácil de lembrar, mas não de esquecer. Aparentemente favorável, irradiia uma agradável sensação de bem-aventurança, mas contradiz minha intenção de deixar para trás também manias, superstições e hábitos, um dos quais – e dos mais renitentes – é esse vício de um jogo numerológico envolvendo dias, meses, anos, ruas, letras, páginas, o que quer que seja, que se indica *sete* ou *três*, é de sorte. Nunca reparei que o tivesse sido, mas colou-se-me à alma como visgo, pesando quase tanto quanto as coisas de se pegar, mensurar, circunscrever.

E assim, em algum escaninho dentro de mim havia a informação (que não pedi) que o número do quarto me seria um bom augúrio. Não me basta de uma penada recusar-me a aceitar ou não aceitar o augúrio. Custa-me visível esforço (duvidoso) descolá-lo de

sua moldura esotérica, para que volte a ser impessoal como devem ser os números e eu exigi de mim mesmo que fossem. Mas não é só em meu minado foro íntimo que está o problema. Também a janela e a vista desmentem o esforço ao descortinar uma paisagem que teima em continuar *costumeira* em vez de *nova*; obriga-me a ver em cada árvore, em cada nesga de céu ou nuvem, em cada barco ancorado na marina os significados que deixei para trás. Não é fácil aprender a desaprender, essa arte de ver o que se vê sempre pela primeira vez. Um alemão exilado na remota ilha da Fiônia deu-lhe um nome bonito, *Verfremdung*. Adotei-o como divisa, embora não saiba alemão.

Deveriam bastar-me as duas malas, pateticamente postas lado a lado no meio do aposento impessoal, o que de inevitável sobrou do que fui. Na primeira trouxe apenas roupas, objetos de higiene, o essencial para que possa mostrar-me com um mínimo de compostura que não chame a atenção fora de portas. E na outra o que me prenderá à impessoalidade daqui, alguns livros, mínimos documentos – alguns falsificados –, caderno de nomes e endereços imprescindíveis ao comércio da liberdade, resmas de papel em branco, tamanho oficial (incluídas, sabe-se lá para quê), e o retrato de um desconhecido, talvez antepassado, vago rosto de um menino de olhos imensos, com uma data quase ilegível ao pé da moldura. Encontrei-o um dia numa expedição sem motivo ao sótão da casa que deixei. Ninguém soube me dizer quem foi. Emerge das brumas do anonimato com uma familiaridade que me comove. Suas súplicas para que o trouxesse comigo tiveram mais força do que as dos vivos e próximos que me pediam para ficar. Trouxe-o por isso: por que não sei quem é e por não ter para mim nenhum significado pessoal, a não ser a vaga familiaridade que emana de seus olhos tristes, que parecem dizer: não julgo nem condeno, mas fui injustamente julgado antes mesmo de nascer.

Arrumado meu lado de fora (as roupas nos cabides), procuro

em seguida tornar a mesa apta a reinaugurar-me a vida com um mí-nimo de ordem, outra inarredável herança de meu passado luterano, avesso à anarquia que professo filosoficamente. Os documentos indisponíveis cabem numa das gavetas; na outra enfiô os demais apetrechos, deixando na mesa limpa e lisa os livros que trouxe (apenas três) e a pequena pilha de resmas de papel branco. Há uma certa desordem mental nessa ordem mesquinha.

A mesma que descortino lá fora: o monumento aos mortos anônimos deixa-me na boca um gosto ruim de cinzas. Por sorte, vejo um navio, um cargueiro antiquado que vai saindo da barra para longe e além de tudo, e me ajuda a desvencilhar-me das cinzas que me consomem, embora deixe seu rastro habitual de rumos e motivos, coisas práticas, relevantes, inadiáveis, um manifesto de carga com origem e destino, que diz de onde saiu (um porto de águas negras, cheio de guindastes) e para onde vai (um porto igual), em que o que menos importa são os litorais intermédios – muitos sem nome – que irá costear com sua elegância antiga. A mim o que me comove nele são justamente os litorais com sua silhueta sem nome; aliviam-me a vista da absurda prisão dos mortos anônimos, esvoaçando perdidos entre pilares de branca monumentalidade. Busco o que o cargueiro leva: liberto, no rumo que desconheço, para morrer anônimo, mas não pelas mesmas razões dos que são lembrados no monumento, já que nunca morri por nenhuma pátria e tampouco tornei-me de todo anônimo como desejaria.

Olho a pilha de resmas brancas e dá-me vontade de escrever:
Os mortos anônimos esperam dos vivos que os libertem do Memorial que os aprisionou.

Susto a mão que já se movia com seu habitual automatismo: para que recomeçar a juntar páginas escritas apenas para depois jogá-las fora ou esquecê-las? Foram cinquenta volumes de cadernos

espessamente garatujados dia a dia durante dezenas de anos, afora as anotações espasmódicas em guardanapos, papéis de embrulho, margens de livros, jornais e revistas, numa variedade de mementos que de muito pouco me serviram, pois o que tinha de ser lembrado o foi, e provavelmente de uma maneira diferente daquela em que foi anotado, e o que não tinha de ser lembrado foi mesmo esquecido, eventualmente transformado em lembrança outra, ilegível, cifrada, enigmática, mais dilema do que lembrança.

A certa altura de minha vida imaginei que podia limpar o que havia escrito para deixar apenas uma espécie de *aide-mémoire* ou caroço essencial em estado de semente, pronto para eclodir tão logo fosse posto em contato com uma atmosfera adequada. Bastava selecionar o que selecionável fosse, frases, fatos, conversas, acasos, aforismos, impressões de viagem ou de leitura, coisas brotadas no ímpeto do instante ao sabor de uma bordadura invisível, que teriam pelo menos a vantagem de serem espontâneas, ainda não desfiguradas pelo escalpelô da autocrítica e da intenção de anotar. Mas também isso não fazia sentido, ou porque se tornava impossível saber se o cifrado da anotação de hoje seria decifrado na atmosfera diferente de amanhã, ou porque simplesmente não carecesse de anotação, por já estar a experiência gravada na memória e, nesse caso, passível de ser repetida como se estivesse sendo lida ou vista diretamente na página aberta das pálpebras fechadas, embora à mercê da maneira peculiarmente caprichosa ou infielmente factual que a memória tem de se manifestar, quer dizer, sem que isso signifique que o assim lembrado seja exato ou documental; ao contrário, frequentemente corrige o fato, dando margem a que se duvide dele.

Cabe a pergunta que não tem resposta: a memória mente ou diz verdades ocultas? Talvez a esconda, ou só a mostre para um bom entendedor futuro.

Certo é que ela brinca de gato e rato; vive de repentes e manias, e exige um preço desarrazoadamente pelo que dá com parcimônia. Quase nunca fiel a sua própria chave: se é palavra, muda para imagem; se é imagem, torna-se som; se é som, converte-se em sopro de vento na pele ou fruição na boca. Rebelde, devolve algo alheio, sem nexo que se saiba, rindo da aflição que cria.

Assim sendo, em vez de guardar arquivos explícitos que, à mesma hora em que são guardados, são esquecidos, passei a esforçar-me para surripiar o mecanismo do implícito de que a memória se serve, não para lembrar, mas para não ficar à mercê de seus humores. Seria uma maneira de dispor das chaves que pesam e se multiplicam – nem sequer sei onde estão nem quem as guarda – e insistem em repor na alma congestionada o que prefiro banir: o nome de quem fui, minha descendência, meu sangue e minha sina, entulho que impede a eclosão do que pudesse vir a ser fluxo brotável.

Estagnado no mangue branco do papel ofício, escrevo:

Anoto, como se fosse um vício autônomo da mão desligada do pensamento de que é inútil anotar.

A mão que escreve é como a memória que lembra o que quero esquecer e esquece o que quero lembrar, labirinto cheio de portas e chaves trocadas sem que se saiba aonde levam as portas e quais as chaves que as abrem. Melhor seria enterrá-las, em proveito do instante que vai e não volta. Mas por mais esforço que faça para fazê-las sumir portas e chaves ficam, inacessíveis ou imprestáveis, a olhar-me como se fossem um relógio sem ponteiros ou o rosto de um morto. Livrei-me dos cadernos, deixei para trás os livros, à exceção dos solitários três que me olham de viés, queimei pontes e vestígios, desapareci das vistas de parentes, amigos e inimigos, cortei laços e desenlaces, e ainda assim as portas e as chaves da memória, com seu arbítrio irritante, continuam a pesar-me, junto com o recém-nascido

problema de saber o que faço agora com o que comecei a anotar, se rasgo imediatamente o papel ou inicio uma nova coleção inútil, que não só conturbaria a higidez deste quarto de hotel como seria uma confissão que faria a mim mesmo de que não passo de um prisioneiro. E pior: mentiroso.

Melhor é adiar a solução e jogar a lauda com suas chaves invisíveis em cima do porta-papéis, dentro da gaveta.

Se dependesse só de mim, cada dia valeria pelo esforço de não perdê-lo, e amanheceria lavado e livre, à espera do que viesse, conduzido pelo talento natural de nada fazer fora de si, atento apenas à bússola que norteia as plantas e os bichos. Infelizmente, o próprio esforço feito para não perder o dia que se esvai já tem um odor suspeito de atividade. Ou por outra, é como se conquistar a inatividade de um único dia, deixando-o vogar a seu próprio sabor antes de ser surpreendido pela morte, fosse já um árduo trabalho, trabalho de uma vida inteira, que só é conquistado no momento em que perde a validade.

O que não vier naturalmente, como quem respira na cadência de heras que sobem pelo corpo, é melhor que não venha. Dito assim, parece fácil. Mas é quase impossível para quem pensa.

Quem pensa só tem aquilo que perdeu.

Domenico Theotocopoulos – *El Greco*, chamado – ensina que num dia de sol é preciso fechar a janela para não perder o sol, assim como é preciso afastar-se da beleza de uma paisagem para continuar vendo-a. É o que faço. Na semiobscuridade exercito-me nessa arte de me livrar da carga de chaves e lições ensinadas nos mais diversos manuais. Quem segue um receituário para desfazer uma trama, automaticamente, e sem sentir, enreda-se em outra. Não se ensina e nem se aprende a *não fazer nada*. É um talento natural de quem se esquece de tarefas inadiáveis e se ocupa dessa coisa nenhuma que está acontecendo a seu redor e deixará de acontecer no minuto seguinte. Ver

a paisagem com os olhos de um bem-te-vi que a contempla. Sentir o sol no sangue frio do lagarto. Reencontrar na formiga a trilha que se perdeu. Neles a memória vive, não é um restolho que pesa mais na alma do que no corpo.

Mas é difícil, quase impossível. A resma branca (onde mora o passado morto) não deixa. Impede o renascimento do que brota no que se foi, como as humildes flores silvestres que vicejam nas ruínas de monumentos esquecidos.

Como seriam as flores que brotassem da resma branca? Será que alguém sabe ou lembra?

O cargueiro sumiu. O horizonte é um convite aberto. Dá-me vontade de também sumir dentro dele.

Ouso?

Abro a porta, desvencilho-me do rangido de passos que se cruzam no assoalho do corredor, deixo a chave na recepção e saio ao léu pelas ruas (que são rios), embarcado no espírito dessa palavra alemã que a memória me traz sempre de volta sem meu consentimento, talvez porque guarde em sua misteriosa ondulação de navio, cujo único rumo é o horizonte que se furta, uma trama feita e desfeita de acaso, destino e caráter.

Mas não é para qualquer um: é dádiva de quem vê o visto brotar do chão como se fosse de terra estrangeira.

Relutante, desconfiado, desço as escadas que quase ninguém utiliza, sem saber ao certo se óculos escuros bastam para proteger-me o anonimato, atravesso a recepção que me parece desagradavelmente apinhada e saio do hotel para o pequeno largo, onde mil olhos

espreitam. Escondo-me como posso no doce incêndio outonal das amendoeiras, e num impulso sou levado ruela acima e entro na igreja no topo do outeiro, *Igreja de Nossa Senhora da Glória*, onde nunca antes entrei. Pronuncio-lhe o nome por extenso em vez de apenas Igreja da Glória e sinto que isso em parte me restitui a frondosa árvore de um mistério que a familiaridade ocultava. Mais do que os mil olhos que me vigiam, enerva-me o lugar-comum que se faz pedestre com a repetição. Quem ainda vê o Corcovado, o Pão de Açúcar, o Arpoador? Quem ainda viaja nas asas de um mergulhão como se fosse um cisne selvagem, para ver de cima o transparente e transfigurado arquipélago das Ilhas Cagarras? E quem ainda diferencia um mergulhão de uma gaivota, um trinta-reis de um alcatraz? O que devia ser lembrado foi esquecido.

Duas pessoas estão sentadas nas naves laterais da pequena igreja sem rezar, cada uma num canto, uma mulher de cabelos brancos e um jovem negro. Ajoelho-me na nave central entre os dois numa prece sem palavras, enquanto contemplo cada infindável detalhe dos afrescos, cenas dos Evangelhos e da crucificação. Desprendo-me eu mesmo da cruz para uma nova vida. Na fisionomia de meus companheiros de reza sem palavras parece-me ler, num mudo acordo, que aqui estamos onde desde sempre estivemos, hieráticos, à beira de um evanescente orifício de luz no fundo de um saco negro, mínimo fio de um instante que dura mais do que o tempo. Em suas fisionomias estampa-se essa coisa extraordinária e extrema:

Quanto basta.

Quem poderia dizer a mesma coisa de qualquer coisa que não fosse fruto de seu enquadrado mundo, que almeja conquistas alcançáveis, quiçá, mas insignificantes e desprezíveis tão logo são alcançadas, porque estão *fora* e não *dentro* de quem almeja?

A durabilidade de um único instante que nos diz respeito, por

mais frágil e etéreo que seja, é maior do que décadas de vida sequencial, borriço que é de um espírito que se desprende de nosso cerne. Fica em nós porque nos pertence. Ignoto. Profundo. Indestrutível. Não se quebra nem mesmo – agora, agressivo – quando um automóvel lá fora dobra a esquina do adro e fecha com sua buzina estridente o orifício de luz do instante, para deixá-lo outra vez aprisionado no fundo do saco de carvão do tempo; sai de sua noite antiquíssima e idêntica para entrar na noite dos faróis que o cegam, mas não apagam.

Só os instantes – em si, insignificantes e inexplicáveis pela lógica comum – me salvam do tempo. São o limiar de algo maior, que não morre. Neles passam-se horas, dias, meses. Ou séculos.

Este é um deles.

Seus eflúvios são fortes o suficiente para que eu saia da igreja, da grande paz eclesial, disposto a encontrar uma pequena, modesta e precária paz terrestre na praça lá embaixo, onde resplandece no escuro de uma noite de neon a glória perdida de um nome que já foi o que diz, *Taberna da Glória*, e hoje não passa de casca oca, palavra vã. Enquanto desço, um carvoeiro vem subindo. Cumprimentamo-nos. Sabemos que nosso encontro não é fortuito. Anacrônico, talvez. O carvoeiro traz nas costas restos de árvores que foram vivas, e eu, os rastros fósseis de meus antigos passos por esta mesma rua que inúmeras vezes descia, semvê-la. Infiel depositário de instantes perdidos para sempre.

À porta da taberna um mendigo estende a mão encardida. Oportunista, invento razões, as mesmas razões morais que joguei fora, e agora me servem para não dar a esmola. Entro apressado na taberna, quase vazia. Dois homens conversam em surdina, concentrados, volta e meia gesticulando com afincos, enfrontados em assunto secreto, quiçá um negócio, talvez quimérico ou fraudulento, talvez apenas a sombra do hábito de repetir hoje o que disseram ontem.

Assalta-me um velho e gasto rancor: essas pessoas parecem-se demais com quem fui. Bom seria trazê-las para o lado de fora de seus pequenos mundos, passar-lhes uma borracha na vida e nos consabidos para reinaugurá-las a partir de suas próprias cinzas, ainda fumegantes. Mas pelo menos guardam um certo decoro, diferentemente dos jovens numa outra mesa, que falam aos gritos e se riem na boca uns dos outros, como se a graça de que se riem estivesse no riso em si, de um transbordamento que sufoca.

Esquivo, desvio o olhar das mesas a tempo de ver duas pessoas que entram na taberna. Reconheço-as: o negro e a mulher de cabelos brancos da igreja. Sentam-se à mesa que me confronta. Ela parece levitar, vestida de branco, branca da cabeça aos pés, e ele retinto, de terno e gravata, ambos sorrindo em silêncio, num contraste que produz à volta uma momentânea pausa de estupor, e ao mesmo tempo algo de refrescante em meio à algazarra repetitiva dos jovens e a soturna confabulação interminável dos homens de negócios. Nada se dizem, ou porque já o tenham dito ou por ser desnecessário, mas comove-me seu silêncio, e acredito que também eles se comovam com minha solidão, a julgar pelos olhares que trocamos, de uma nascente simpatia, que talvez se deva antes de tudo ao acaso da mútua reza sem palavras na pequena igreja vazia, nesse dia qualquer, de um ano da graça, ano *um* para mim – para eles, não sei.

Volta e meia o negro se agita quase imperceptivelmente no terno apertado e um tanto descomposto, como se estivesse saindo de dentro de si mesmo. As rugas da mulher toda branca contrastam com a beleza de seus olhos, de um azul profundo, e com a perfeição do corpo que a transparência do vestido deixa entrever, o que a torna ao mesmo tempo sensual e espiritualmente descarnada. Deixa em quem a vê o rastro de uma dúvida incômoda: é uma velha rejuvenescida ou uma adolescente envelhecida? Os dois trocam olhares

e conversam sem falar, nem um pouco incomodados com o escarcéu juvenil que os rodeia. Pelo contrário, quanto maior o barulho, mais parecem falar, silenciando. Num determinado momento, olham para mim e sorriem. Retribuo, entre espantado e perplexo, como se ainda estivéssemos rezando sem palavras no pantempo da igreja. A taberna tem ar de tabernáculo profano, altar misterioso entre arranha-céus.

O tempo que o garçom leva para me trazer o que pedi – uma garrafa de vinho – e um leve desvio do olhar é suficiente para que os dois desapareçam como num passe de mágica, embora lá ainda estejam as xícaras para lembrar-me que o casal era de carne e osso, e mesmo que não o fosse, para lembrar-me do estranho encantamento que se transmitiu à rua lá fora, deixando-a como um rio suspenso numa bruma onírica, aliviado das margens que transformam ideias em doutrinas, leves estados d'alma em obrigações, e fazem da própria alma do rio depósito de lugares-comuns, onde já mal há espaço para sequer respirar. *Truncat inutilia*. Agora amanhecíamos, eu, a rua e os edifícios, lavados e desimpedidos no crepúsculo vespertino.

Sem pressa, bebi meu vinho enquanto a aura onírica das ruas crescia.

Tinham um quê de irreal quando saí da taberna. Eram e não eram as ruas que conheci.

Recomeço minha andança. Como se saísse de um brejal e levitas-se, sinto-me liberto de tudo que é preconcebido, a exemplo do que aconteceu *in extremis* a um professor de lógica, que na hora da morte se viu livre de seu pesadíssimo arsenal de silogismos infalíveis, arduamente construídos. Suas últimas palavras causaram espanto e des-

confiança, mas nessa hora – sabe-se – tudo é permitido. Seu rosto iluminou-se quando disse (estaria vendo algo que não vemos), contrariando uma vida inteira:

Nada me aconteceu ainda. Tudo que sei não tem importância ou foi inútil; apagou-se. E agora...

Decepçãoou seus confrades, que dele esperavam, na hora derradeira, uma última proposição luminosa, que definitivamente separesse o falso do verdadeiro. Ao alegar que nada do que aconteceu, sua própria vida, aconteceu ou faz sentido, cometeu a maior impropriedade que um lógico poderia cometer. No último instante descobriu que podia se opor à construção que o destruiu e o impediu de vogar ao sabor da corrente numa terceira margem, sem a ilusória segurança das duas margens consagradas, a da verdade e a da antiverdade. Morreu para descobrir que poderia ter navegado na canoa de um *tertium datur*.

Tento modelar minha canoa para descer pelo meio do mundo sem desembarcar em qualquer das margens consagradas: por ora, o mundo é a rua com seus tatos, contatos, sabores, odores, gestos, trejeitos, imagens, visões. Um deixar-se levar sem itinerário ou ânimo de sair e chegar, guiado apenas pelo tirocínio da bússola interior com seus caminhos de antemão indevassáveis, uma força que reconhece os pontos cardinais, mas não tem rumo definido. Quando me desvio pela Correia Dutra e enveredo pela Bento Lisboa, não escolho, sou arrastado às casas que um dia foram palácios que transmudavam, aos olhos de um adolescente imberbe, prostitutas em fadas, lama em alma, e hoje são apenas sobrados, tombados, preservados, desodorizados para que se veja não o que há lá dentro, já do reino do invisível, mas apenas fachadas, estuques, exteriores maquiados que se abrem para salões cheios de nada e vazios de tudo. Para os vivos pouco importam os vazios ou o vazio de quem se é, desde que se evitem os

desvãos do inimaginável, onde os mortos se misturam aos vivos.

Inimaginável é caminhar sem a distração de um destino certo, que encobre o risco de se ver o que não é para ser visto.

Num casarão da Rua do Catete, transformado em pombal de lojas, evito o elevador e subo pela escada de lei, restaurada, onde se misturam mortos que foram vivos de ontem e vivos de hoje que não passam de simulacros. Estes, apressados e operosos, descem ou sobem distraídos com seus materiais perecíveis, sem olhos para o claro-escuro (chama-se preto e branco) de um daguerreótipo que não se desfez com o tempo. Ressurge como num pentimento por trás da cor da pintura na parede que a escada contorna; por mais intensas e raivosas que sejam as camadas de tinta que lhe foram aplicadas para apagá-lo, como velharia imprestável, mostra-se indelével para quem não tem destino certo. Pleno de memória, o daguerreótipo enfrenta a arrogância contemporânea e até ressuscita e revive sua marcha e seus gestos, como o fóssil que voa para sempre no coração de uma pedra de âmbar, rastro de um negativo invisível aos olhares grosseiros da maioria dos vivos. Não só não veem como não querem ver. A pressa e o desdém não deixam. Quem o vê somos nós, eu e um pequeno cão arguto parado aos pés da escada com as antenas eriçadas do cangote, de onde alguém tenta enxotar-nos na pressa de chegar à porta de uma loja qualquer. Duas moças de vestidos longos e muitas anáguas saem do daguerreótipo com o *Almanach de Gotha* embaixo do braço, em discreta conversação. Ao ver-me segredam alguma coisa, como se me reconhecessem; é algo que esqueceram de dizer e que agora é tarde para lembrar. Tento ouvir o que dizem, mas a azáfama e o bruaá dos vivos desmemoriados não deixam; imaginam-se hoje, na porta da frente, não só superiores ao que foram ontem, na dos fundos, mas chegados ao topo do mundo, onde ficarão para sempre. O outro lado, que os salvaria do perecível tumulto operativo, varre-

ram-no para baixo do tapete do frontispício e o esconderam atrás dos atraentes murais de rosáceas luminosas e falsos labirintos que só servem para agradar o olho de quem não vê sequer o que vê.

A amnésia dos vivos contraria a memória profunda dos mortos.

Portas. Janelas. Sacadas. Gradis.

Tudo isso foi recomposto não para ser recuperado, mas para se perder. Acessível apenas à bússola interior – que despreza noções de senso e medida e me empurra em direção ao avesso do mundo, para entender sua frente. Guia-me entre os escolhos da suarenta massa humana, a contrapelo da multidão. O segredo do daguerreótipo das moças é um segredo a contrapelo, ao contrário dos ventos predominantes, a ser decifrado de dentro para fora. Levo-as comigo quando subo a Santo Amaro, douro à direita na rua do Fialho e torno a descer, ainda à direita, pela Benjamin Constant. Sou impelido ao encontro de um estranho templo que tem o fascínio de um texto escrito com letras góticas num idioma morto. Já nasceu distópico nas solenes colunas gregas, romanas e cristãs, e no ideário nascido num domingo de sol em que o sol era o que menos importava. Içaram lentamente o pavilhão da *Ordem e Progresso* ao som do hino nacional entre florões da América e festivos balões coloridos, assistidos por uniformes de gala, chapéus de plumas, fraques e cartolas, num ritual que seus missionários repetem, exata e precisamente, ainda hoje, *agora*, repetindo a frase que brota de escuros labirintos iluministas: *O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim*. Segue-se uma outra, sucinta, cristalina, tão cristalina que já não precisa ser pensada, nasceu pronta: *Viver às claras*, a âncora sem sombra de dúvida da margem do acerto em que o três sucede o dois, o nove antecede o dez e o presente vem antes do futuro e depois do passado. Não se dão conta, entretanto, da contradição de uma última frase, pétreia,

que lhes coroa a certeza, mas vem a ser a mais incerta de todas e, pior, parece ter sido surripiada da margem esquecida, desprezível, em que o erro chafurda, onde as luzes da atualidade se apagaram e a ordem é escura, o amor insondável e o progresso, no melhor dos casos, nada mais que um regresso a si mesmo. Entre duas colunas dóricas, a frase diz e contradiz as outras:

Os vivos serão cada vez mais e necessariamente governados pelos mortos.

Seria esse o segredo a contrapelo que as moças saindo da *Typegraphia Guimaraens* teriam lido no *Almanach de Gotha*? Enquanto vivas, não o souberam; mortas, quem sabe, o descobriram.

Sigo, imaginando a felicidade de quem não pensa no que diz, mas sustenta o que diz com a solenidade de um patriarca e até mesmo com o sacrifício alheio. As moças, que já não correm perigo, mas não me querem revelar seu segredo, seguem a meu lado, e me defendem, pelo menos, com sua invisibilidade, do risco iminente de naufragar no remoinho das frases e da rua entre automóveis, construções dos mais variados estilos arquitetônicos, semblantes desgarrados, uns perdidos no tempo e outros dotados de vozes impositivas que sabem o que querem (mas não querem nem saber do que não sabem), onde o próprio nome da rua, o toponímico *Benjamin Constant*, não passa do farrapo de um homem esquecido no tumulto geral. Já não se sabe quem foi, se ajudante de astrônomo, matemático das legiões de Augusto Comte, autor da divisa *Ordem e Progresso*, professor da cadeira de engenharia mecânica, general da Guerra do Paraguai ou obcecado jesuíta, conversor dos gentios à *Religião da Humanidade*.

Para os transeuntes que passam por mim é apenas um nome à mercê dos humores de quem o pronuncia e precisa dele para chegar ao endereço que procura, um nome que os compêndios de história congelam, higienizam e banham na mais pura congruência, mas re-

legam ao esquecimento. Quando não é trocado, antes de adormecer nesse arquivo morto, pelo de um herói mais recente, a par da troca de moradores, casas, edifícios, inventários, falências e transeuntes... “Aqui morou Vitor Meirelles, autor da *Primeira Missa*”, lê-se numa placa. Quem se importa? Quem se lembra? Quem viu a pintura, com seu gosto de paraíso envenenado? O que se ergue ergue-se e desmorona dilacerado pelas tropas de choque do tempo, com seus punhos e petardos pró e contra, do velho modernizado ao novo novíssimo, da frágil restauração à furiosa demolição. As margens desse rio de ontem e de hoje se guerreiam. Desafiam-se e ameaçam tragar quem passa pelo meio, na canoa da neutralidade, com suas nuvens de detritos e seu perigoso buraco negro de asfalto e areias movediças, e não adianta voltar atrás para tentarvê-las de trás para a frente, como se assim fosse possível tracejar a coerência de um rumo nas águas transtornadas entre o Templo do Positivismo e a casa de número trinta, onde foi pintada a *Primeira Missa* dos gentios boquiabertos, antes de sua conversão à *Religião da Humanidade*. É um tumulto que mistura nomes, sobreviventes e moribundos. A imensa lavanderia fumegante dos fundos do hospital da Beneficência Portuguesa confronta-os de frente, do outro lado da rua. Incinera seus mortos.

São milhares, milhões, bilhões, ignorados pelos transeuntes cegos. Possovê-los enquanto tento manter-me equidistante das duas margens, mas o redemoinho ameaça tragar-me a mim e minha frágil canoa.

A escolha que quero fazer não existe. Ou se vive ou se está morto.

Dou meia volta e retorno pela mesma rua, mas já não é o mesmo trajeto, assim como o recomeço já não seria o mesmo começo. Desvencilhado dos enigmas da Benjamin Constant, a agulha magnética da Rua do Fialho estimula-me, e logo me desencoraja, a tentar

um itinerário inovador, pela infindável escadaria do bairro de Santa Teresa ou pela inóspita subida da Rua Santa Cristina. É muito santo nas alturas para pouco itinerário. As perigosas corredeiras da mesmice obrigam-me a voltar à Santo Amaro, onde agora avisto, nos belos jardins fronteiriços da Beneficência Portuguesa, a estátua de um templário que ceifa, de espada em punho, os últimos vislumbres do paraíso envenenado: enfrenta plebeias bananeiras e martirizadas marias-sem-vergonha, acuadas nos escombros de um aristocrático palacete transformado em cortiço. Ouve-se o eco de um passarinho, um trinca-ferro há gerações preso numa gaiola. E a rua desce, continua descendo entre sobressaltos de espiões, palhoças de alvenaria e ainda um palacete. Já quase na desembocadura o olho e o ouvido atentos pressentem um literário burburinho. A placa indica: aqui morou Mário de Andrade. Não diz, mas sabe-se: desiludido. Can-sado de meditar sobre o Rio Tietê, que o viu nascer e que já não o podia levar a lugar algum, assestou seu binóculo para a Baía de Guanabara, à espera do navio que o salvaria da desilusão. Navegar é preciso, já viver...

Quase ao fim de minha expedição reaparece, enfim, a Rua do Catete. E a Taberna da Glória. Envergonhada, dorme, esquecida de quem foi, encolhida no subúrbio de um edifício, como um mendigo que esmola as migalhas de seu passado.

Esse tumulto que atropela nomes, datas e congruências, cansa. De repente, tenho pressa e destino. Compraz-me voltar à paz anônima do hotel. Covil do esquecimento.

Recontro, cauteloso.

— 777.

— Tem uma mensagem para o senhor, diz o recepcionista.

Dobro o papel e o enfio no bolso, sem ler. Impaciente, quase esbarro na camareira que vem saindo de meu quarto. Em hotéis, ca-

mareiras são o único estorvo à liberdade de ir e vir ou simplesmente de ficar. São espiãs da escravatura de se saber o que cada um faz ou pretende fazer: se já saiu, se já entrou, se não sai do quarto, se fica lendo, se tem vícios inconfessáveis ou uma ferida incurável que a roupa esconde, se é falsário, ladrão, contrabandista. Ou simplesmente *esquisito*.

— Acabei de arrumar, constrange-se a moça, com ar de quem se assustou.

Resmungo qualquer coisa e entro no quarto, trancando a porta. Cansado, só me resta dormir para esquecer quem fui e talvez sonhar, se as garras do pesadelo não me capturarem antes. Como costumam.

E mais uma vez o fazem.

Um ser estranho com cara de coruja, garras de rapina e asas de anjo – híbrido e terrível –, dirige-se a mim e aponta para um quadro onde está escrito:

Diga sim quando quiser dizer não e não quando quiser dizer sim.

E como tudo o que é bom soma três, não se esqueça do terceiro e mais importante mandamento: na dúvida, diga nem sim nem não com a convicção de quem afirma ou nega.

Monstros são característicos da hora lupina da madrugada. Ultimamente têm surgido sempre que fecho os olhos. Sucedem-se cada vez menos civilizados e irônicos, como se dissessem: “não precisamos de nenhum pesadelo para existir”. Erguem-se das areias movediças da alma, tanto mais disformes quanto mais precisas são as palavras que articulam.

De repente, em meio às horrendas feições e a uma revulsão de membros sangrentos e metais retorcidos, surge o rosto amado de minha querida Mamsel, doce e acusador. Seus lábios, que tantas vezes

beijei, acusam-me de falsário: dizem que me apossei do que pude sempre que pude, habilmente apagando as provas do crime; e de perdulário: desintegrei-me esbanjando a vida que não mereci.

O doce rosto – tão amado e tão perdido – acusa-me e se transforma em escorpião, nítido como um sinal de exclamação, para picar-me de morte:

Foste quem és!

Fui quem sou, mas quem sou carece apenas do primeiro raio de sol na vidraça para espantar o demônio que fui. Até a próxima noite ou a próxima vez em que eu fechar os olhos, pelo menos. Mas a benesse do que amealhei – não importa como – para me libertar dos fardos que me oprimiam de pouco me servirá, se for ao preço da desgastante noite dos monstros, com seus grilhões de passado, culpa, trabalho, honra, dignidade etc. Como lagartear ao sol, assim? A lembrança aqui é forte demais; está em cada esquina. Não há como se esconder de meus perseguidores. Talvez eles só sosseguem se eu parar de borboletar e me abrigue no interior de um casulo aquecido, lá de onde vieram meus ancestrais, a espreitar a neve que cai em flocos benfazejos, silenciando a vontade de sair e me expor.

A neve e o frio são esconderijos preciosos. Nos confins do Norte, talvez meus implacáveis perseguidores desistam de me caçar sem trégua.

Seria o arremate dos males, uma quase perfeição.

— O álbum? pergunta o recepcionista em voz alta, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Num canto da recepção, entre sorrisos de cumplicidade, fo-

lheio, encobrindo-o com o corpo, o *álbum de retratos*, assim intitulado, com uma tarja: *Confidencial*. Pombagiras. Feiticeiras *ad hoc*, que surgem em carnadura exuberante e no ar se esfumam, antes de encruar-se na mesmice. Mostram-se de corpo inteiro, frente e verso, *close* do rosto. As fotos desmentem a realidade real, mas não a imaginária (e quem disse que a imaginária é menos real?), e as há para todos os gostos, risonhas ou melancólicas, à luz do sol ou dissimuladas em claro-escuro, vulgares ou aristocráticas, vindas sabe-se lá de onde, mas seguramente de um saudável mistério insolúvel, dos Pampas às regiões hiperbóreas, da China ao Curdistão, da Arábia às estepes russas, europícolas, eurasianas, em brasa, índias, negras, brancas, amarelas, misturadas ou indefiníveis. A escolha? Do que gosto ou não gosto? Gosto do que não vejo. Escolho o que não sei. Borboleteio, flano sem me fixar, havendo tantas e variadas, mas elimino os prolegômenos, quem é você, como é seu nome, de onde vem, para onde vai. A idade pode ser indefinível (enigmática), desde que junte um certo recato juvenil com sofreguidão de fruta madura. Não importa a coloração dos cabelos, dos olhos, da pele, mas que haja no olhar uma janela que se abra com vislumbres de alma barroca ou gótica, sem excluir a exuberância tropical mestiça (com um toque mediterrâneo) da carne, e ainda entremostre no gesto o gosto um tanto desaforado, mas refinado, daquilo que se repete mas não se desgasta. Compro aquilo que se quer inédito e jamais se perde nas brumas da familiaridade e da repetição sem alma – acima da mulher, o silêncio das circunstâncias, que vale qualquer preço. Inclui discrição e um repertório de delicadezas e doçuras fingidas, que de tão fingidas acabam por tornar-se verdadeiras e autênticas, a começar pelo maneirismo com que se despe de roupas, nomes, idades, ranço de procedência e destino, para doar-se a um instante que não tem passado nem terá futuro. O quanto me é dado – por ser fugidio, e tanto mais intenso por ser fugidio – é

sempre mais do que recebo, ou não há dinheiro que o pague. Tem ar de ritual e magia, que se inicia no álbum de retratos parecido com o cardápio de um *gourmet*, a exigir, além do paladar, a aparência e o refinamento da apresentação, com toques de sonho de uma noite de verão, e termina naquela sabedoria de quem sente intensa vontade de repetir, mas se abstém.

Complicado, mas possível. Divinação faz parte.

Incomodado embora com os olhares da ralé miúda que me lacraram, incapaz de entender a magia do assunto, escolho.

Ela é indefinível como deve ser, de olhos ligeiramente rasgados e carnadura tropical. Uma prazerosa irregularidade.

— A que horas? pergunta o funcionário, impessoal.

— Seis da tarde, respondo, na única questão em que não tenho a menor dúvida, por ser hora crepuscular e mansa em que tudo que havia a ser feito já o foi ou não o será, de etéreos rumores que se sobrepõem ao pedestrianismo do tráfego, com sugestões de uma sensualidade madura, aguçada pela Ave-Maria e um ligeiro, quase imperceptível desespero de fim. Outonal como as amendoeiras em fogo.

É a hora em que Vênus nasce das espumas do mar e desaparece, antes de se transformar em corpo e agonia.

Se a moça do álbum é uma sigla (para resguardar-lhe a privacidade) e não tem nome, arranje-se-lhe para todos os efeitos práticos e poéticos um codinome de conotações longínquas:

Lakmé – invento.

Também invento-me um para mim, que seja sonoro, se possível forte – Dioniso, por exemplo –, mas acabo optando por um menos